

Terra Morta: perspectivas da historiografia literária e da História social de Angola

“Terra Morta”: *perspectives of literary historiography and social History of Angola*

Susan A. de Oliveira

DLLV-UFSC

susandeoliveira@yahoo.com.br.

Resumo: O trabalho visa apresentar a obra “Terra Morta”, de Castro Soromenho, escrita em 1949, como marco da historiografia literária angolana do início do século XX, diferenciando-se da literatura colonial, e especialmente influenciada pelo neorrealismo português e pelo regionalismo brasileiro, inovando seja pela estrutura narrativa, pela complexidade e hibridez dos personagens ou pelo uso do duplo código português- quimbundo. Pretende-se também mostrá-la como um registro pioneiro da sociedade da época, visto que revela de modo ímpar o contexto econômico da decadência do ciclo da borracha (1879-1920) e o perfil da migração e da colonização portuguesa em Angola naquele período, bem como o início da exploração das minas de diamantes.

Palavras-chave: Literatura, história, Angola, colonialismo.

Abstract: The paper presents the work of Castro Soromenho, “Terra Morta”, written in 1949, as of a mark of Angolan literary historiography of the early twentieth century, differing from the colonial literature, and especially influenced by neorealism by Portuguese and Brazilian regionalism, innovating is the structure narrative, the complexity and hybridity of the characters or the use of dual-code Portuguese quimbundo. We also intend to show it as a groundbreaking recording of the society of the time, seen as odd, that reveals the economic context of the decay of the rubber boom (1879-1920) and the profile of migration and colonization of the Portuguese in Angola at that time as well as the beginning of the exploitation of the diamond mines.

Keywords: literature, history, Angola, colonialism

Terra Morta é o título de um romance de 1949, do escritor angolano por opção e moçambicano por nascimento, Fernando Monteiro de Castro Soromenho (1910-1968). Sobre o romance, é necessário dizer que *Terra Morta* é um divisor de águas para a literatura angolana e inaugura a série literária conhecida como trilogia de Camaxilo à qual pertencem os romances: *Terra Morta* (1949), *Viragem* (1957) e *A Chaga* (publicado postumamente em 1970). Conforme Rita Chaves, nesses romances da série:

A destruição do mundo africano será combinada com a degradação do português enfraquecido pelas condições concretas que enfrenta no interior da

colônia e pelo sem sentido da vida que debilita seu corpo e desmoraliza sua alma. Nessa equação, revela-se, em sua amplitude e profundidade, o fracasso do projeto colonial. Em cima de tais elementos é que se vão construir os romances de Castro Soromenho(...) (CHAVES, 1999, p.100)

Camaxilo é também o título do livro na edição francesa de 1956 e refere-se ao nome da pequena Vila – também dividida em duas partes -, na região da Lunda no leste de Angola, onde Soromenho ambienta seus romances. Roger Bastide, o prefaciador dessa edição, utiliza-se literalmente da expressão *Duas Águas* emprestada de João Cabral de Melo Neto para demonstrar que *Terra Morta* ou *Camaxilo* divide, de fato, as águas da literatura angolana afastando-se tanto das “histórias de negros” recolhidas por curiosos e estudiosos da cultura oral e dos costumes locais - como o próprio Castro Soromenho até então -, como do chamado “romance colonial” que investia nas formulações do exotismo da África “selvagem”, incentivado pelo Estado Novo português no bojo do seu empreendimento cultural para construir a imagem e o imaginário de um “mundo português” afinado também com outras manifestações ideológicas como exposições, cinema e propagandas que fizeram parte de um projeto cultural e político mais amplo – o Ato Colonial de 1930 e suas cartas.

Produto de uma determinada ideologia e de uma tradição do poder colonial português (o Ato e as cartas) procuravam traduzir o que o império deveria ser e de que forma dever-se-ia atuar nas suas terras, interferir na vida dos nativos ou condicionar a mentalidade e as ações do colono português. Produto de uma tradição cultural e de uma realidade colonial, a legislação portuguesa referente às terras e aos povos do ultramar será criadora de novas realidades e de novas tradições. (THOMAZ, 2002, p.71)

O contexto político e cultural mais amplo em que a obra combate, no entanto, nos remete ao princípio do século XX, no qual a Lunda era o cenário das campanhas de pacificação e de aplicação da organização política e administrativa colonial de Norton de Matos, que resultou no referido Ato colonial. Com este Ato, o conjunto dos territórios colonizados pelos portugueses passaram a ser chamados de Império Colonial Português. O Ato Colonial restringiu a cultura, a política e acelerou a crise na vida econômica e financeira das colônias, refletindo-se no caráter cada vez mais centralizador da administração colonial nos moldes políticos da metrópole governada por António Salazar e vigentes durante todo o Estado Novo português.

Ultrapassar essas águas da literatura, da política e da cultura significou operar uma ruptura com o significado da própria experiência colonial que, a partir de *Terra Morta* passou a problematizar mais do que os antagonismos raciais entre brancos e negros e seus lugares marcados numa sociedade colonial racialmente cindida, tratando do fato da mestiçagem como uma questão que apresentava suas próprias demandas sociais.

O discurso literário de Castro Soromenho, em *Terra Morta* e após, se encontra ancorado em princípios éticos e estéticos de influência neorrealista, o que o torna uma chave interpretativa privilegiada para a compreensão das contradições do momento histórico em que o autor ambienta sua narrativa. O neorrealismo, na literatura portuguesa como na angolana - cuja principal influência é a teoria política marxista -, através da escrita de Castro Soromenho, pressupõe uma atitude problematizadora, engajada e crítica do autor em face das mazelas sociais. O recorte da realidade é fundamentalmente problematizado como base de uma denúncia social e depende da intervenção responsável do autor sobre a situação narrada visando identificar nela, sobretudo, processos de alienação e desumanização priorizando sujeitos sociais coletivos ou ainda, conforme Rita Chaves, “a busca de mudanças na ordem sócio-econômica defendida pelos adeptos do movimento (neorrealismo) pressupunha o combate ao comportamento alienado do homem reificado pelas estruturas que perpetuavam as desigualdades.” (CHAVES, 1999, p.104)

Terra Morta, o título em português da obra que dividira as águas do romance angolano, evidencia a ideia de uma terra arrasada por séculos de colonialismo e da qual a Lunda angolana é um cenário emblemático. A decadência do império colonial, tal como foi vivida pelos habitantes da Vila de Camaxilo, dá relevo às transformações econômicas e sociais, principalmente em decorrência da queda do preço da borracha no mercado internacional, a qual é motivo de falência de muitos comerciantes, em geral colonos brancos. Concomitantemente a esse fato, cresce o poder econômico da Cia de Diamantes de Angola (Diamang) que explorava diamantes à custa do trabalho escravo dos negros da Lunda e de seu entorno, aprofundando as consequências do processo de interiorização de uma brutal dinâmica econômica, social e política que até então era específica das áreas litorâneas, próximas à Luanda, segundo havia demonstrado Charles Boxer,

O resultado da concentração de todos os esforços no tráfico de escravos em Angola por mais de dois séculos, foi a formação de uma poderosa classe de

brancos comerciantes e donos de escravos, o crescimento de uma classe de negros destribalizada que cooperavam neste comércio com os brancos, e o surgimento da classe dos mulatos e mestiços, alguns dos quais conseguiram importantes cargos na milícia, no comércio de escravos e na Igreja. Estas três classes estavam limitadas às cidades costeiras, das quais Luanda era a de tamanho mais considerável e vizinha de algumas fortalezas (presídios) no interior, nenhuma das quais estava a mais de 200 milhas da costa. No resto do país, a organização tribal e a maneira de viver não foi alterada nem foi influenciada pelos portugueses, com exceção de Dembos e dos Ambaquistas ou comerciantes ambulantes de Ambaca.. (BOXER, 1967, p. 71-72)

A referência de Boxer se dirige ao período 1415-1825 e *Terra Morta* nos mostra que esse processo de mestiçagem, desorganização da sociedade local e diferenciação sócio-econômica não ficou, de forma alguma, restrito ao período e ao espaço apresentado por Boxer, mas tomou proporções alargadas durante o primeiro quartel do século XX. Interessa destacar que o romance expande a análise histórica tanto por tomar como base a observação sincrônica de características específicas do momento histórico aludido, como por nos remeter à percepção de todo um período mais amplo de transformação na história social e econômica da Lunda angolana, cuja diacronia se revela na própria estratégia narrativa desenvolvida pelo autor de intercalar as paisagens da memória de um tempo anterior àquele tempo em que decorre a ação e, assim, confrontando os dois momentos e atualizando-os como síntese que, sobretudo, evidencia a radicalidade da mudança em curso. Tomemos como base de reflexão a passagem a seguir:

Um canto arrastado e monótono veio de longe, trazido pelas brisas da madrugada da planície, e pairou, alongado pelo eco, sobre a vila de Camaxilo. O sipaio, que estava acororado em frente da fogueira, de guarda à administração, voltou a cabeça para as bandas da planície e ficou-se, enlevado, a ouvir a música triste que vinha dos ermos. Eram os negros das senzalas que marchavam, a caminho da vila, com cargas de ecrã às costas, a cantar suas velhas canções de mercadores errantes.(...) Era uma canção da sua terra, que muitas vezes cantara quando, vergado ao peso da carga de bolas e mantas de borracha, vinha da aldeia negociar com os brancos de Camaxilo. Nesse tempo, Camaxilo era uma grande terra, o centro comercial mais importante de toda a lunda, com mais de cinquenta lojas e uma centena de comerciantes brancos. (...) Tempos de fortuna, em que os negros das senzalas tinham todos os panos que queriam (...). Os brancos bebiam champagne e jogavam forte ao bacará. E os sobas faziam batuques que duravam quinze dias e quinze noites, embebedando-se com vinho misturado com água açucarada e aguardente de batata-doce. Esse foi o tempo em que a borracha valia ouro de lei e os brancos corriam para o Leste(...). Era o tempo de Brás Vicesse e do seu bandode quimbundos armados, que iam até aos confins da região que borda os Grandes lagos, em jornadas comerciais

que duravam mais de um ano, trazendo caravanas com marfim e borracha e rebanhos de escravos, o ouro branco e o ouro negro da África antiga, que levavam com seus gritos de guerra os sertões do Norte, arrebanhando negros para vender como escravos. Agora, o sipaio Caluis, que já tem cabelos brancos e muitos filhos que suas três mulheres arranjaram nos braços de homens novos, está a ouvir a canção da sua aldeia e a recordá-la, quando ali houve duas lojas de mulatos, aviados do branco José Aparício, o "seu Jusa" dos negros, que se matou quando a borracha passou a valer tanto como um punhado de areia e os credores lhe levaram quanto tinha em casa. Nesse dia, ele enforcou-se na sua loja. (SOROMENHO, s/d, 45-46)

A mudança percebida pelo sipaio Caluis é aquela que marca tanto a perspectiva diacrônica, ou seja, o contexto econômico da decadência do ciclo da borracha (1879-1920) e o fortalecimento da exploração das minas de diamantes, bem como a interiorização do processo de mestiçagem e diferenciação social - até então mais característico da região litorânea, conforme destacou-se anteriormente -, como também nos coloca naquela dimensão sincrônica da história social, ou seja, diante da experiência pontual de todos esses processos.

Desse modo, a narrativa como um todo enfoca desde as relações sociais e de parentesco na Vila de Camaxilo a partir das quais a mestiçagem – consequência de relacionamentos entre os colonos brancos e negras africanas - é trabalhada especialmente enquanto inclusão-exclusão do mestiço, herdeiro de contradições e antagonismos e também dos relacionamentos que os extrapolam numa sociedade profundamente racializada: “Em face da lei, tu não tens pai nem mãe” (SOROMENHO, s/d, p.195), diz o administrador ao jovem João Calado, filho de uma negra nativa e de um colono branco que acabara de morrer. A falta de registro de nascimento e de documentos da propriedade em que moravam, tornaram João e sua mãe excluídos de qualquer direito. Note-se que a mestiçagem enquanto exclusão se confronta diretamente ao discurso salazarista do período que, dizendo o contrário, privilegiava a idéia de mestiçagem como catalisadora da democracia social, baseando-se na tese lusotropicalista de Gilberto Freyre que estaria bastante em voga nos anos seguintes fornecendo ainda mais subsídios para a segurança ideológica do “império colonial português”.

Esse e outros momentos elaboram a tensão constante vivida entre os três segmentos sócio-raciais: os negros (a base social, nativos dos sobados, trabalhadores das minas,); os mulatos (intermediários, *sipaio*s, trabalhadores autônomos); os brancos (*capitas*, funcionários públicos, comerciantes, gente da elite colonial). Entre os três segmentos, no entanto, são os negros nativos dos sobados que sofrem as piores perdas. Conforme Laura Padilha:

É, pois, a degradação dos homens e dos próprios costumes e leis tribais que Soromenho procura resgatar ficcionalmente. Para tanto, de novo ele se vale da representação de figuras de velhos, sobretudo chefes tribais, mostrados num processo de profunda anomia, tanto biológica quanto social e historicamente. (PADILHA, 1995, p.97)

A perda da referência dos *mais-velhos* significa para as culturas tradicionais, a destruição da possibilidade da vida nos sobados enquanto organização social nativa e, também, a degradação profunda e cruel da subjetividade e da memória histórica que, nas culturas orais, é que gere os valores, os costumes, a língua e as demais práticas culturais. Nesse sentido é que se pode também ler em *Terra Morta* uma perda acentuada do bilingüismo que era, até então, uma fórmula de recorrência no romance angolano. O bilingüismo representado em *Terra Morta* nos mostra a presença do duplo código, mas o que predomina é a língua portuguesa modificada pela sintaxe do quimbundo que aparece em frases reduzidas: “Panha quê. Tá pensando negro tem cousa presta. Não tem não.” (SOROMENHO, s/d, p.148) O surgimento dessa língua portuguesa crioulezada é parte da transformação cultural e identitária pela qual passa a sociedade angolana e dá conta de um dilaceramento essencial no qual a língua materna do colonizado, “nutrida por suas sensações, suas paixões e seus sonhos, aquela pela qual se exprimem sua ternura e seus espantos, aquela enfim que contém a maior carga afetiva” é justamente aquela que vai se perdendo. (MEMMI, 1977, p.96-97)

Dessa forma, a literatura angolana a partir de Soromenho, e de *Terra Morta*, realiza um duplo movimento: faz uma leitura da realidade vivida com novas formulações estéticas, mas, retoma para os angolanos o próprio sentido de fazer história utilizando a escrita, como disse Agostinho Neto, à propósito do movimento de escritores angolanos – *Vamos descobrir Angola-*, como arma e forma de combate:

A história de nossa literatura é testemunho de gerações de escritores que souberam, na sua época, dinamizar o processo de nossa libertação exprimindo os anseios de nosso povo, particularmente o das suas camadas mais exploradas. A literatura angolana escrita surge assim não como simples necessidade estética, mas como arma de combate pela afirmação do homem angolano. (NETO apud CHAVES, 1999, p.32)

Referências

BOXER, Charles. Relações Raciais no Império Colonial Português - 1415-1825. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.

CHAVES, Rita. A Formação do romance angolano. Entre intenções e gestos. Coleção Via Atlântica. São Paulo: Lato Senso, 1999.

MEMMI, Albert. O Retrato do Colonizado precedido pelo retrato do colonizador. 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

PADILHA, Laura. Entre Voz e Letra. O lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX. Rio de Janeiro: EDUFF, 1995.

SOROMENHO, Castro. Terra Morta. 3ª edição. Rio Tinto: Ed. ASA e União dos Escritores Angolanos, s/d.

THOMAZ, Omar Ribeiro. Ecos do Atlântico Sul. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2002.